

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
por videoconferência de Milão, 17 de junho de 2020**

Textos de referência: J. Carrón, Introdução. O que nos arranca do nada? e L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Deixar marcas na história do mundo, São Paulo: Cia Ilimitada, 2019, cap. 1. “O acontecimento cristão como encontro” e 2. “A permanência do acontecimento na história” (pp. 15-123).

- *Marta, Marta*

Glória

Carrón: Boa noite a todos. Temos como tema a *Introdução* do novo texto que estou preparando e sobre o qual já começamos a trabalhar. O texto se entrelaça com tudo o que estamos vivendo (é bonito ver como nos desafia constantemente) e com a provocação que nos faz *Deixar marcas na história do mundo*. Por isso, começemos.

Colocação: *Depois de ter atravessado uma experiência difícil, compreendi que viver plena e serenamente a vida não pode depender das circunstâncias. Elas podem não ser favoráveis. Nesse caso, o que eu faço? Esforço-me para que mudem “porque assim me sentirei melhor”. Enquanto isso, vou vivendo da melhor forma que posso. Mas as coisas podem não se resolver. E mesmo que se resolvam, tenho medo de que isso possa não ser suficiente para mim. Quem disse que as coisas devem ser como em uma comédia americana? Podem acontecer como em uma tragédia grega! E então? Somos obrigados a viver melancólicos? Não posso acreditar nisso! Por isso, pressionado pela realidade que estou vivendo, quero aceitar o convite do Movimento a “viver sempre intensamente o real” como “itinerário ao significado último”. O real!!! Não o sonho, não a ilusão do que virá ou o arrependimento pelo que passou. Gostaria de entender o que significa concretamente “viver sempre intensamente o real”, na minha vida, no meu cotidiano. Não quero que se torne um slogan vazio. Evidentemente não se trata de gostar da realidade: se é hostil, é hostil e pronto. Alguns amigos me sugeriram ver o lado positivo. Mas o que há de positivo em uma situação que fica cada dia mais complicada? Não é esse o caminho: a realidade poderia não ter nenhum sinal de positividade, entendida como “agradabilidade” das circunstâncias. Também não se trata de acrescentar mais devoção, que pode parecer um remendo. Então o que significa “viver sempre intensamente o real”? Qual é o caminho? Em que devo me concentrar?*

Carrón: Com essa pergunta, começamos o percurso desta noite, porque as circunstâncias desafiam a todos nós, e não nos basta, não nos satisfaz vivê-las de qualquer maneira: queremos vivê-las melhor, não apenas repetindo um slogan, mesmo que verdadeiro, como “viver sempre intensamente o real”, ou seguindo o conselho de ver o lado positivo quando, em muitas ocasiões, parece não haver nenhum sinal de positividade. Ao invés de responder teoricamente, com uma explicação, esta noite faremos juntos o percurso para descobrir, durante o caminho, através das colocações, acrescentando um elemento por vez, o que significa, nos fatos, “viver sempre intensamente o real” (L. Giussani, *O senso religioso*, Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 167).

Colocação: *“Existe Alguém que abraça o nosso grito”. Vejo o risco de reduzir esse abraço a algo sentimental, que tem a seguinte consequência: se não o “sinto”, então me “sinto” abandonada, e a escuridão aumenta. Recentemente, numa certa circunstância, descobri minha imaturidade: aos cinquenta anos completos ainda ser assim, é humilhante. A multidão que vive em mim tentava me silenciar: “Deixe estar, vá em frente, sua consistência não está nisso”. Sim, também com palavras importantes, verdadeiras, a multidão dentro e fora de mim pode gritar para me silenciar por se incomodar com o meu limite, ou pode abraçá-lo de modo sentimental, o que não ajuda em nada. Preciso entregar minha pobreza, mesquinhez e repugnância nas mãos de alguém com nome e sobrenome, ou de alguém que veja o meu desejo de não continuar presa no meu limite. Que veja (e me ajude a ver) o meu limite como ocasião para caminhar. Então pensei que o abraço do meu grito*

é quando sou conduzida, passo a passo, em direção à minha realização, partindo do ponto no qual me encontro, através de todas as circunstâncias e das minhas reações a elas. Gostaria que você aprofundasse a questão do abraço do grito. Obrigada por sua amizade.

Carrón: Estão vendo? Nós escutamos essa frase – “Existe Alguém que abraça o nosso grito” –, e podemos percebê-la como sentimental, reduzindo-a ao impacto sentimental que provoca. Mas, obviamente, isso não é adequado à nossa urgência, ao nosso grito. Então, nos perguntamos: como não reduzir o abraço a algo sentimental? Senão, como você disse, ficamos à mercê da multidão que está dentro e fora de nós, como se vivêssemos perturbados pelas coisas ao nosso redor. Você quer entregar toda a sua pobreza nas mãos de alguém. Por quê? Porque precisa de alguém que a conduza, passo a passo, em direção à sua realização. O amigo de antes queria entender o que significa “viver sempre intensamente o real” e, agora, você diz que o maior abraço de que tem verdadeira necessidade é o de alguém que lhe mostre uma maneira de viver as circunstâncias como ocasião de construção da sua pessoa. Trata-se, de fato, de perceber um abraço sem precisar sair das circunstâncias nas quais se encontra. E, assim, com esse desejo, você começa a fazer um caminho que a leva a reconhecer Alguém que a abraça, não de modo sentimental, mas real, superando a redução de que falou.

Colocação: *Neste período, assim como muitos, fui obrigado a parar. Estou aposentado, deveria estar acostumado, mas não! A parada forçada me fez reconhecer que antes não via nada. Depois de cinquenta anos no Movimento, hoje descobri que vivi tudo como nada, decorando os discursos e aproveitando a companhia a meu bel-prazer. Porque pondo à prova o que determina o meu dia, agora que não recebo o reconhecimento de ninguém, devo admitir que a tentativa de consolação na performance é desesperadora, me deixa sempre faminto e vazio. Mas me pergunto: “De que é falta esta falta?”, como você nos lembrou, citando Mario Luzi. Não posso blefar, porque vejo que minha postura é a de fugir da realidade, sonhando ou criando hipóteses, vivendo hoje, mas pensando sempre no depois, portanto, nunca vivendo o instante. É justamente o nada que impera. Na verdade, de manhã já acordo com raiva pela falta de expectativa. Isso é niilismo? É por isso que meu pedido de ver e experimentar a presença de Cristo permanece sempre sem resposta? Entendo que nada satisfaz a não ser Ele, mas, enquanto penso isso, já me desvio para um projeto meu. É esse tipo de patologia que me desconcerta, e lhe pergunto: como o coração pode estar aqui e não em outro lugar, aqui onde o Senhor me colocou? Como fazer experiência d’Ele? Dizendo sim a quê? Aos fatos do dia aparentemente tão insípidos, ou, em oposição, às minhas expectativas? É isso que é dizer sim?*

Carrón: Obrigado, amigo, porque o que você nos diz é tão verdadeiro que pode ser reconhecido em muitas ocasiões também por cada um de nós. Podemos ficar no Movimento durante anos decorando discursos e aproveitando a companhia. Mas quando colocamos à prova o que determina nosso dia, se evidencia aquilo que você disse. Por isso, não é óbvio que você, assim como a amiga que falou antes, deseje fazer um caminho. Não é óbvio que não nos contentamos em repetir certas palavras ou fazer tentativas consoladoras que nos deixam ainda mais vazios e famintos, mas desejamos algo que responda verdadeiramente a toda urgência do nosso coração. E o fato de que não podemos blefar nos faz entender bem como essa urgência é real. Você se dá conta de que a sua postura é a de fugir da realidade, sonhando, e viver pensando sempre no depois. É uma incapacidade de viver o real que muitas vezes percebemos em nós, e estamos sempre “fora”, sempre sonhando com outra coisa. Um personagem de Graham Greene nos lembra isso: “Para mim, o presente nunca é agora” (G. Greene, *Fim de caso*, Bestbolso, 2009). A realidade é reduzida a algo que já aconteceu ou que ainda deve acontecer, mas nunca é – como você diz – “aqui”. É essa situação que tentamos descrever com a palavra “niilismo”. Nem pensar na palavra “Jesus” pode ser suficiente. Você disse, com muita lucidez: “Entendo que nada satisfaz a não ser Ele, mas, enquanto penso isso, já me desvio para um projeto meu”, como se não houvesse um só instante em que esse nome tenha um domínio total sobre nós. Então surge a pergunta: “Como fazer experiência d’Ele? Dizendo sim a quê?”. Vamos descobrir aos poucos.

Colocação: *Agradeço pela companhia que está nos fazendo neste período, com todos os instrumentos que nos oferece para trabalhar sobre nós e não nos deixarmos levar. Surgiu em mim uma pergunta sobre o desejo. “Quanto mais o niilismo avança mais fica evidente a impossibilidade de viver sem um sentido, mais sentimos o desejo indestrutível de sermos queridos, de sermos amados”. Na Introdução você diz que o que vence o niilismo é o desejo que não se apaga. Percebo que, em mim, esse desejo absoluto se manifesta no cotidiano em muitos pequenos desejos ligados às circunstâncias que vivo: a necessidade de ser eu mesmo no trabalho, que aquela pessoa olhe para mim, que o estudo tenha sentido, que aquele relacionamento difícil seja salvo. Normalmente, porém, é mais fácil deixar que prevaleçam as próprias objeções, as próprias desculpas, para não ir atrás desses pequenos e, às vezes, incômodos desejos. É mais fácil se deixar levar pelas circunstâncias do dia a dia, sem se preocupar. Vejo que escutar e seguir os próprios desejos demanda um risco, um envolvimento, um esforço em relação às próprias feridas e ao que é urgente. Mas normalmente tenho medo. Ou simplesmente não sinto vontade. Então, pergunto: o que permite não ter medo do próprio desejo? Porque sei que quando arrisco e sigo, fico mais feliz!*

Carrón: *Você acrescentou um elemento ao que estamos dizendo, porque começa a se dar conta de que, embora aconteçam as coisas que você contou, há algo que resiste: o desejo não se apaga. E também percebi que isso é muito significativo para você. De um lado, vê emergir todo o seu desejo, mas, de outro, tem medo dele. É impressionante! Quando alguém descreve sua experiência, se presta atenção, emerge pouco a pouco a estrutura do eu. Então, o que nos permite não ter medo do desejo?*

Colocação: *Preciso contar sobre uma descoberta deste período que me deixou entusiasmada. Quando li o 3º. ponto da Introdução, depois do início sobre o niilismo esperava que o abalo viesse da irrupção de algo como um acontecimento, um encontro. Por isso, fiquei espantada com sua afirmação: “Qual é então o primeiro passo de quem não quer viver fugindo de um problema que não sabe resolver? Reconhecer, exatamente nesse contexto de falta de sentido, que há algo irreduzível que resiste ao niilismo. [...] O que é que resiste? O meu eu, irreduzível”, como documenta Michel Houellebecq. Fiquei impressionada por você dizer que esse é o primeiro passo, porque eu não diria isso, não sentiria esse como o primeiro passo. Então, ler isso foi realmente uma surpresa, como afirma o título do parágrafo – “A surpresa” –. O interessante é que aconteceu um episódio que me fez compreender o alcance da questão. No dia seguinte após ter lido esse trecho, no domingo, fui fazer um piquenique com alguns amigos. Fazia muito tempo que não nos víamos, e queríamos muito nos encontrar. Num determinado momento, um de nós disse: “Ah, não, amanhã preciso voltar a trabalhar!”. Essa afirmação, que ouvi milhares de vezes e que eu também disse muitas vezes, de repente me tocou: pois é – pensei –, nós dizemos uma frase como essa e não percebemos o seu alcance, nós a transformamos em uma reclamação, um desabafo normal e óbvio que todos fazem e que também nós, num domingo à tarde, podemos fazer. Porém, se olharmos realmente para ela, essa frase é expressão do coração que não se satisfaz, é expressão da irreduzibilidade do eu que, diante da hipótese de uma dificuldade, de um mal-estar no trabalho, não gostaria de tê-los, porque nosso eu é feito para ir trabalhar feliz, com vontade de ir. Mas como certas coisas nos parecem impossíveis, nos rendemos e, assim, não percebemos mais o grito do nosso coração. Como diz o texto da Introdução: “A razão desse desencorajamento e dessa dúvida é que damos por óbvia a existência do grito do coração, do desejo que resiste a qualquer niilismo”. Temos a ideia de que a irreduzibilidade do eu é quase como se devêssemos ser super-heróis. Ao contrário, a irreduzibilidade está justamente na ferida, no grito. Por que é tão importante dar-se conta disso? Porque, se nos déssemos conta, seria exatamente o ponto, o início do abalo, porque você não pode se contentar em ir para o trabalho e não desejar ser feliz”. Se não considerássemos óbvia essa afirmação, então, sim, começaríamos a gritar, sem nos contentarmos, buscando a resposta que o coração procura e que, justamente por isso, não pode não existir! Normalmente nós culpamos Deus (ou o destino) por uma falta de resposta dentro das circunstâncias, mas o problema*

é que nós nem sequer começamos a procurá-la! Por isso, dar-se conta da permanência do desejo, é o primeiro passo. Nunca tinha entendido assim a sua insistência sobre o desejo que permanece, quando citava Houellebecq, e agora percebo que, sem passar por essa experiência, o 4.º ponto da Introdução – “Um ‘Tu’ que acolhe o grito” – seria uma coisa anexada e seria impossível entender seu valor. Podemos decorar e repetir isso muito bem, mas se não nos dermos conta de que nosso coração deseja o impossível, como diz o Calígula de Camus, e que não somos capazes de obter o impossível, nunca perceberemos que podemos gritar, e nunca perceberemos que nos aconteceu encontrar Alguém que tornou o impossível possível, e que nos diz: “O que quer que eu faça por você?”. Muito obrigada por tudo e, sobretudo, por me permitir fazer essas descobertas.

Carrón: Está vendo? A primeira coisa que a surpreende é que teria respondido de modo diferente, considerando óbvio aquele ponto, aquele abalo que já está no centro do eu, irreduzível. Esta é a ajuda que nos damos na Escola de Comunidade: comparando constantemente o modo como normalmente nos movemos com afirmações como “viver sempre intensamente o real” ou “um ‘Tu’ que acolhe o grito”. Todos nós dizemos as mesmas coisas e repetimos as mesmas frases, mas é como se as ouvíssemos como anexadas à vida, porque não nos damos conta do alcance de afirmações como a que fala da irreduzibilidade do eu, que pode parecer como a “consequência” lógica de um discurso e não como algo real que responde à pergunta sobre a natureza do nosso eu. Ainda bem que a irreduzibilidade – desculpem o jogo de palavras – é irreduzível e que não podemos fingir que não existe, porque não nos permite blefar. Se nos permitisse blefar, então sim, acabaríamos realmente no mais profundo nada! Justamente pelo fato de o nosso eu ser irreduzível, nos faz perceber constantemente que há algo em nós que resiste a qualquer niilismo.

Mas, naquilo que você disse, há outro dado que devemos entender. Sem perceber, você foi além da irreduzibilidade. Você disse que se não entende que o seu coração deseja o impossível e que você não é capaz de obter o impossível, não pode perceber que pode gritar, e acrescentou que você encontrou Alguém. Você introduziu o tema do encontro, passando da irreduzibilidade ao encontro, mas pulou um ponto da *Introdução* que impede que o encontro seja percebido como uma palavra anexada. É o motivo pelo qual muitas pessoas acharam tão complicado esse ponto do percurso: é justamente da irreduzibilidade do eu que nasce o grito, mas isto, diz Giussani, para muitos é incompreensível.

Uma pessoa que não pôde se conectar conosco esta noite, escreveu: “Peço que você explique melhor o ponto 3 da *Introdução*, em particular esta afirmação de Giussani: ‘A afirmação da existência da resposta’ está ‘implicada no próprio fato da pergunta’. E você diz: ‘Por mais misteriosa que seja, a resposta existe, está implicada na pergunta. [...] Se há o grito, há a resposta’. Tenho dificuldade de entender essa frase como categoria da razão: por que a resposta está implicada na pergunta? Não poderia haver uma pergunta sem resposta?”. Como não conseguimos resolver essa questão, acabamos pensando o Tu como algo anexado e o abraço do Tu como algo sentimental (a mesma coisa vale para o encontro ou para a companhia). Por isso, não podemos pular essa passagem. Nosso amigo continua: “Além disso, se, como você escreve, a resposta última está além das modalidades existenciais experimentáveis, significa que devo buscá-la em algo sobrenatural, que não é do mundo experimentável portanto tangível [ou seja, fora dessa irreduzibilidade]? Pergunto isso também porque, na dificuldade de encontrar uma resposta exaustiva para o meu desejo de felicidade, acho que suprimi a pergunta”. A amiga de antes acrescentou outra pergunta à colocação que tinha preparado e que leio agora: “‘A pergunta sobre o significado está implicada na resposta’: muitas vezes experimento a existência da necessidade como irreduzível, mas como isso pode garantir a existência da resposta, para mim é um contrassenso”. E como achamos que é um contrassenso, no fim, o que acontece? O Tu é percebido como anexado à vida, o abraço do Tu é percebido como sentimental e não compreendemos o que significa realmente “viver sempre intensamente o real” e, então, buscamos em outro lugar a nossa realização. E, um instante depois, sucumbimos aos nossos projetos.

Colocação: Falar sobre a relação pergunta-resposta me fez entender muito mais a importância do que está realmente em jogo na insistência, neste período histórico, sobre a questão do desejo, da pergunta. No sentido de que a pergunta mostra a estrutura humana e carrega consigo, implicitamente, a demonstração da existência da resposta. De fato, a natureza ilimitada da pergunta em um ser limitado é a indicação de algo sem limite colocado nele por outro, por algo além, pela resposta. E essa é a origem da estrutura ou natureza ilimitada da pergunta. Nesse sentido, entendo o propósito de se deter em algumas frases de Houellebecq, não tanto porque falam de uma religiosidade genérica, mas porque demonstram a estrutura da razão própria do homem e, assim, remetem à resposta, porque não é possível não buscar a origem da pergunta, ou seja, o motivo do fator que a coloca em movimento. É necessária uma contínua tomada de consciência de quem é o homem. Da sua grandeza e predileção na criação (Que é o homem para dele assim vos lembrardes”, e lembrardes agora?). O fato de Houellebecq chegar a pronunciar determinada pergunta, exprimir tal exigência, para mim é sinal, também nele, de uma graça em ato, à qual ele, num certo sentido, por sua vez, responde através da sua pergunta, e que o torna plenamente homem. Percebo que precisamos aprender a entender realmente as questões de que tratamos, pelo menos como tendência (tudo bem, isso também é um dom, mas requer que usemos a atenção e a razão), para que nossas respostas não fiquem à margem e desconectadas.

Carrón: A coisa que mais consideramos óbvia, é a mais evidente de todas, como documentaram todos os que falaram até agora: vocês não poderiam ter dito o que disseram (perceber a insuficiência das *performances*, captar uma possível redução sentimental, dar-se conta de que não basta uma resposta qualquer), se vocês não carregassem essa irredutibilidade, essa urgência que os faz gritar. É justamente essa urgência tão estrepitosa (como dizia Leopardi: “Tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma”, *Pensamentos, LXVIII*), é o sinal mais claro da grandeza do homem. É preciso dar-se conta disso, não podemos dar por óbvio, porque é o dado absolutamente mais elementar – não é possível falar de nada sem que isso esteja implicado –: essa irredutibilidade, esse grito, é a documentação, a “demonstração” de outra coisa. Por quê? Porque nós, que somos todos limitados, não podemos nos dar essa estrutura última. Como é possível que na estrutura do nosso eu exista algo tão único se somos limitados e, portanto, incapazes de dá-lo a nós mesmos? Quem conseguisse encontrar algo à altura da irredutibilidade do homem teria descoberto não só a vacina para a Covid-19, mas a resposta para o problema da vida! No entanto, isso passa despercebido por nós. Todos estudamos – como diziam os nossos amigos: anos e anos de Movimento! – *O senso religioso*, cada um pode contar quantas vezes o leu, mas é como se esse ponto não conseguisse passar, tornar-se experiência em nós. Então, quando Giussani diz que a existência da resposta está implicada na pergunta, mexe com nosso modo de pensar. Por isso me impressiona, de um lado, nossa dificuldade de entender de modo positivo o que acontece quando as pessoas descobrem o alcance dessa afirmação na própria vida, como nossas amigas diziam antes. Interessa-me que fique evidente o nível existencial da questão, Giussani não faz uma reflexão abstrata.

Colocação: Na última *Diaconia* você nos provocou justamente com essa pergunta: “O que significa que a certeza da resposta está implicada no grito da pergunta?”. Fiquei impressionado com a tenacidade com a qual você levou todos nós a não saltar as conexões, a não dar por óbvias as nossas respostas, mesmo as corretas. No dia seguinte à noite me encontrei com dois amigos. Coloquei a eles a sua provocação e imediatamente nasceu um diálogo inflamado, que deixou claro como não estamos habituados – eu em primeiro lugar, admito – a usar a razão. Por exemplo, há quem diga: “É impossível! Não posso dizer que a resposta está no grito, deve acontecer o encontro para que se dê a resposta”.

Carrón: Estão vendo o salto, o desvio constante? Se fazemos assim, é impossível entender a frase de Giussani.

Colocação: Naquela noite reli grande parte de *O senso religioso*. Lia aquelas páginas como se fosse a primeira vez. Tudo me surpreendia e me falava mais, me interrogava. E a irredutibilidade

do eu, a experiência do nosso limite e a necessidade de afirmar “outro” emergia como cerne de tudo.

Carrón: Cerne! Essa é a questão. “Isso é o cerne de tudo”. Giussani captou um ponto crucial, e se nos distanciarmos dele acabamos no nada. Se saltamos um dado tão consoante com a nossa natureza – a irreduzibilidade do eu – reduziremos a experiência cristã ou o Tu de que falamos.

Colocação: *Porém, precisava que se tornasse meu na experiência.*

Carrón: Essa é a questão, ou seja, que aquela frase se torne minha na experiência. Por isso, tem razão quem disse esta noite: é preciso alguém que me ajude para que as coisas se tornem minhas passo a passo, que me ajude a entender na experiência cotidiana o que significa “viver sempre intensamente o real”. Essa é a única maneira para que se torne meu, não basta repetir frases vazias de experiência, como se dizia antes.

Colocação: *No dia seguinte, ainda sem estar em paz, contei o acontecido a minha mulher e perguntei: “O que você acha, a resposta já está dentro do grito?”. Ela respondeu: “Claro, meu colega professor de matemática, que é ateu, mas é um gênio, também me disse: ‘Tenho bem presente o momento da minha vida em que, não encontrando um axioma matemático que respondesse às perguntas que tinha, precisei parar de fazê-las porque senão precisaria afirmar a existência de outra coisa’”. Fiquei pasmo.*

Carrón: Entendem? Aquela pessoa precisou bloquear as perguntas senão seria obrigada a “afirmar a existência de outra coisa”. Aquele professor de matemática entendeu o alcance do que Giussani diz: a resposta está tão implicada na pergunta que, para negar isso, precisa desviar a cabeça para outro lugar! Mas quando usa a razão corretamente, não pode deixar de perceber implicada na pergunta “a existência de outra coisa”, ou seja, da resposta.

Colocação: *Estou começando a entender por que você diz que fica exaltado diante das perguntas. Você tem razão. Por isso, lhe agradeço.*

Carrón: Esse é o primeiro fruto de uma educação que nasce do carisma, uma educação que pode gerar um sujeito unido. A existência da resposta está implicada no grito. Que ela entre na história, é uma coisa diferente. Não devemos confundir as duas coisas. Um amigo que entendeu o alcance desse ponto da *Introdução* do ponto de vista existencial, me escreveu: “Que a ‘existência da resposta’ esteja ‘implicada no fato mesmo da pergunta’ é uma das afirmações de Dom Giussani que sempre me surpreendeu e fascinou. Mas, para dizer a verdade, nunca fiquei totalmente convencido disso [não estar totalmente convencido é justamente o que nos causa problemas, que faz tudo acabar no nada], nem racionalmente, nem, sobretudo, na experiência. Uma pequena brecha se abriu algumas semanas atrás quando li a colocação na qual você explica (sintetizo com palavras minhas): se fizermos experiência apenas do efêmero e do detalhe, como poderemos ter a exigência do eterno e do total? [Finalmente alguém se faz essa pergunta, alguém que não dá por óbvia a irreduzibilidade, a exigência de totalidade!]. Deve ter sido inserida em nós por Quem é eterno e total. Mas, então – pensei –, meu desejo não é só um vazio ou uma falta, meu desejo é o sinal da presença em mim desse Outro, é uma centelha do Seu fogo que – na relação com cada pedaço da realidade, que também é toda Sua – me chama a Si. É a partir daqui que me descubro com o desejo de conhecer e estar com esse Outro, com esse Tu [uma vez que o descobriu como real, porque implicado na sua pergunta, não quer outra coisa a não ser conhecer e estar com esse Tu], ao mesmo tempo presente e ausente, mas isso acaso não é o amor? [Quando alguém está apaixonado e vibra de saudade da pessoa amada, ela não está, ao mesmo tempo, presente e ausente? Quem poderia negar que a saudade, como sempre digo, é sinal de um outro?] “Fazei-me sentir vosso amor desde cedo”, diz a antífona das Laudes de quinta-feira [se vê que aconteceu alguma coisa porque até o modo de rezar começa a ser diferente]. É a explicação do que tinha acabado de me acontecer: como quase sempre na minha já longa vida, naquela quinta-feira eu tinha acordado com um mal estar, com medo de começar o dia [quantas vezes o medo se insinua assim que abrimos os olhos!], com a vontade niilista de voltar a dormir. Mas naquela manhã, pela primeira vez, eu disse a mim mesmo que aquilo não era uma negatividade que deveria superar, mas Ele, o meu Amor, que me chamava”. Nosso amigo não chegou até esse ponto através de um raciocínio, mas porque começou a dar-se conta de

que esse desejo – assim como todos os outros temas que emergiram esta noite: “irredutibilidade”, “pergunta”, “viver sempre imensamente o real” – não é apenas uma palavra, porque tornou-se experiência e, então, o Tu deixou de ser algo anexado ou sentimental. Quando uma pessoa se dá conta de que tudo isso começa a acontecer de verdade, “pela primeira vez” na sua vida, é sinal de uma mudança crucial. Por isso, amigo, acho muito importante essa questão, senão é impossível reconhecer que há em nós uma âncora, quase apesar de nós mesmos, apesar de todas as nossas queixas, de todos as nossas oscilações, todos as nossas explosões sentimentais. Há algo mais profundo, mais estrutural em nós que grita “Outro”. E o grito é exatamente o sinal da presença em mim desse Outro, uma centelha d’Ele que me chama a Si: “Eu não lhe faço falta?” Deus não nos manda um anjo para nos perguntar, mas grita de dentro de nós! Por isso me impressionou uma frase de Karen Blixen, que exprime isso de modo sintético: “Até hoje [...] ninguém viu as aves migratórias se dirigirem para esferas mais quentes que não existem, ou os rios correrem por rochas e planícies para desembocar num oceano que não pode ser encontrado. Porque Deus não cria um desejo ou uma esperança sem que já exista uma realidade que os realize. Nosso desejo é a nossa certeza, e bem aventurados os saudosos, porque voltarão para casa” (cf. K. Blixen, *Capricci del destino*, Milão: Feltrinelli, 2003, pp. 50-51). É isso que vibra em nós.

Quando uma pessoa percorre assim a estrada da vida, o que acontece?

Colocação: *Essa Introdução está me perturbando, está me fazendo rever profundamente a minha vida. Sempre senti muito forte a ferida de uma falta “cortante” na experiência das coisas cotidianas, tanto que nunca consegui apreciá-las plenamente e, em alguns momentos, essa insatisfação tornou-se totalmente paralisante, patologicamente imobilizadora, a ponto de me fazer pensar que era errado ter essas perguntas.*

Carrón: Estão entendendo qual é a questão?! Nós achamos que estamos errados por causa de uma falta “cortante” que sentimos em nós.

Colocação: *Como é possível olhar para o desejo de plenitude sem cair na conclusão frustrada de não encontrar nada à altura? Como olhar esse desejo incômodo como recurso, sem que se torne uma tristeza que fecha, mas que abra ao relacionamento com Ele? Às vezes parece que, sem encontrar uma satisfação plena, precisamos protelar o desejo para a plenitude futura que está além da vida. O fato de que o real que nunca satisfaz exacerba a pergunta parece levar à conclusão de que nada basta e, portanto, nada vale a pena, perdendo assim, também as coisas que tenho nas mãos. Quero conseguir desfrutar de toda a beleza da realidade a partir de agora, não além. Também os amigos e meu marido, que são sinal da Sua presença, às vezes eu tinha a pretensão de que pudessem realizar minha necessidade imensa de ser amada, totalmente, aqui e agora, enquanto em sua frágil humanidade, são apenas o sinal de um amor enorme ao qual aspiro. Mas preciso de algo concreto, senão me parece que preciso imaginar a presença de Jesus que me realiza de modo abstrato.*

Carrón: “Imaginar a presença de Jesus que me realiza de modo abstrato”. Estão entendendo? Não é que ela não tenha encontrado Jesus, mas isso é percebido como algo abstrato.

Colocação: *Vejo que para você é real, enquanto para mim corre o risco de ser uma abstração. Mas a experiência destes meses de lockdown tornou evidente que, dentro da dramaticidade da situação mundial, eu não estava abandonada: as coisas existiam e podiam não existir, tudo tornou-se mais precioso; meu marido, com quem ultimamente vivia de modo óbvio, tornou-se uma companhia profunda do Mistério que estava próximo, nosso quarto filho que nasceu em plena pandemia foi um sinal claro da Sua graça gratuita na nossa vida. Fiz quarenta anos, sem festa nem amigos, mas cada cumprimento que recebi tinha um peso novo, como nunca tinha tido. O trabalho de meu marido, que está parado, tornou evidente que era uma graça tê-lo, antes. Como manter esse olhar de graça que, no afrouxamento da emergência, corre o risco de decair? Como este período pode ser um ponto de não-retorno, como pode ditar um novo início? Obrigada.*

Carrón: Obrigado a você, porque você conectou a sua “falta cortante” (tão aguda que se sente errada) e a urgência de viver agora sem adiar para o além a sua realização. Porque isso não é

correspondente à experiência que fazemos, uma vez que somos feitos, como você disse, para desfrutar agora, agora. Você tem razão: agora, não apenas no além, mas desde agora! Se de algum modo não desfrutamos da resposta desde agora, quem nos garante que ela possa existir no além? “Quero conseguir desfrutar de toda a beleza da realidade a partir de agora, não além dela”, você disse, porque não quer deixar a pergunta para uma plenitude futura. E qual é o sinal de que estamos deixando para o futuro a resposta à pergunta, por exemplo, no relacionamento com as pessoas? O sinal mais evidente – como você identificou com perspicácia – é a pretensão. Quando você não vive no presente algo que a satisfaz e a realiza, então tem uma pretensão em relação aos amigos, ao marido, a tudo. É inevitável, acontece com todos nós, não é um problema só seu. Se a questão não é resolvida, será inevitável ter sempre uma pretensão, gerando mais desastres além dos que queremos resolver, em nós e nos outros, porque o outro não só não nos realiza, mas percebe toda a pretensão que temos sobre ele. Mas, o que você descobriu nesta pandemia, durante o *lockdown*? Que é possível viver de outro modo: quando alguém começa a dar-se conta de que o outro é a modalidade através da qual o Mistério se torna presente – assim como se torna presente no grito, como se torna presente no desejo, como se torna presente no filho recém-nascido –, toda a realidade se torna diferente, tanto é verdade que você se pergunta: “Como manter esse olhar de graça que no afrouxamento da emergência corre o risco de decair? Como este período pode ser um ponto de não-retorno, como pode ditar um novo início?”. Muitos se perguntam isso. Esse olhar novo que você percebeu pode se tornar uma mudança estável, até se tornar familiar, somente se somos introduzidos a ele através de uma educação.

A pergunta da primeira colocação desta noite encontra agora a resposta completa: “Viver sempre intensamente o real” significa não ficar na aparência, mas chegar até o Mistério ao qual remete, de que são sinais o grito, a irredutibilidade, o bebê recém-nascido, tudo. Então não tratamos mais o marido com uma pretensão, porque não é ele que pode preencher o abismo que somente um Outro, Alguém maior do que nós, pode preencher. A irredutibilidade que nos constitui e a nossa exigência de totalidade não se contentam a não ser com uma resposta exaustiva. Caso contrário, não percebendo isso como a demonstração evidente da existência do Tu, “viver sempre intensamente o real” – quantas vezes repetimos isso! – permanecerá uma afirmação abstrata e falaremos do Tu de modo “devoto” e anexado à vida. Quantas vezes nestes anos cada um de nós deve ter dito: “Eu sou tu-que-me-fazes”, ou: “Para dizer ‘eu’ preciso implicar um Outro”! Por que o fato de eu existir deve implicar um Tu que me faz? Por que a irredutibilidade é sinal de um Outro? Por que o filho é sinal de um Outro? Por que o marido é sinal de um Outro? Porque ninguém se faz por si! Então, pode ficar tranquila, amiga que se colocou no início: o abraço d’Ele não é sentimental, porque você não pode inventá-lo, nem pode ser reduzido a sentimentalismo. Foi abraçada pelo fato de existir. Por isso, fui buscar – para concluir – em *Na origem da pretensão cristã*, uma expressão que muitas vezes nos pareceu estranha. Dom Giussani diz: “A companhia está *no* eu”. Essa Presença é a única que pode eliminar a solidão, porque a irredutibilidade do grito encontra resposta adequada somente na descoberta do Ser como amor que doa continuamente a Si mesmo dando o ser a mim. Atenção ao que Giussani diz: “Toda amizade humana é reflexo da estrutura original do ser, e cada vez que isso é negado sua verdade está sob ameaça” (*Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 133). Giussani conclui essa passagem dizendo que quando alguém toma consciência disso, então, reza verdadeiramente. Muitas vezes pensamos na oração como alternativa à razão, e vice-versa. Mas Giussani, no décimo capítulo de *O senso religioso*, faz todo o percurso do maravilhamento pela existência das coisas e do eu até chegar ao Tu – é isso o que significa “viver sempre intensamente o real” –, e só no fim fala da oração. A oração não é a negação da razão, mas é o reconhecimento último da realidade por parte de uma razão que, tendo descoberto o Tu, pode se dirigir a Ele não como algo pensado por si, algo inventado, algo de que se autoconvence, algo sentimental. Não existiria o Tu se não existisse eu que, com minha própria vida, documento que está me fazendo agora. “Eu sou tu-que-me-fazes”.

“Por isso, o vértice mais alto da oração não é o êxtase, ou seja, uma tal consciência do fundamento que a pessoa perde o senso do habitual, mas será antes ver o fundamento como se veem as coisas habituais”. (*Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 133-134).

Este é o desejo para este verão: que se torne realmente familiar “ver o fundamento como se veem as coisas habituais”.

Avisos:

Escola de Comunidade. Não podendo fazer as férias comunitárias neste ano, decidimos nos acompanhar adicionando um encontro de Escola de Comunidade em julho, para ajudar no caminho deste período de verão [*na Europa o verão ocorre de 20 de junho a 22 de setembro, tradicionalmente o tempo de férias*]. Assim, a próxima vai acontecer na quarta-feira, 15 de julho às 21h00 [na Itália], por videoconferência, como nesta noite. Será sobre o 2º capítulo do livro que estou finalizando a partir dos conteúdos sobre o qual comecei a refletir em vista dos Exercícios da Fraternidade que tivemos que cancelar por causa do *lockdown*. Este capítulo estará disponível no site de CL a partir de segunda-feira, 22 de junho. A *Introdução*, que retomamos neste tempo, vai corresponder ao 1º capítulo do livro. O livro terá como título ***O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*** Escolhemos o formato de livro pela evidência percebida de que o que vivemos e dizemos é interessante e útil também para os outros (e não apenas para nós, como estamos vendo com *O despertar do humano*). Com o livro será mais fácil divulgá-lo a todos.

No Brasil o livro será publicado pela Sociedade Litterae Communionis e estará à venda em formato impresso e Epub. A previsão é que esteja disponível em agosto, e será presenteado aos assinantes da *Revista Passos*.

Férias de verão. Como dissemos na última vez, a circunstância atual não nos permite propor o gesto de férias comunitárias, assim como em outras reuniões é necessário levar em consideração a indicação das autoridades de não criar aglomerações.

Esperamos que o verão possa ser uma oportunidade para que cada um de nós aproveite a experiência vivida nos meses de quarentena, durante os quais nos propusemos a “viver intensamente o real”, uma proposta que também se aplica aos próximos meses, quando provavelmente teremos mais tempo livre. Dom Giussani falava aos jovens (mas a sua chamada é válida para todos, velhos e novos) sobre as férias como o tempo da liberdade: “As férias são o tempo mais nobre do ano, pois são o momento em que a pessoa se empenha como quiser com o valor que reconhece prevalecer na sua vida, ou então não se empenha de jeito nenhum com nada e então [...] é boba. Isto quer dizer que as férias são uma coisa importante”. E dava duas indicações preciosas para viver este tempo: “Em primeiro lugar, isto implica atenção na escolha da companhia e do lugar, mas sobretudo tem a ver com a maneira como se vive: se as férias não fazem nunca você recordar o que gostaria de recordar mais, se não o tornam melhor para com os outros, mas o tornam mais instintivo, se não o fazem aprender a olhar a natureza com intenção profunda, se não o fazem fazer um sacrifício com alegria, o tempo do repouso não cumpre o seu objetivo. As férias devem ser as mais livres possíveis” (L. Giussani, “O tempo da liberdade”, *Passos-Litterae communionis*, nov-dez 1998).

Se aceitarmos esta proposta, tenho certeza de que será um ganho humano para cada um de nós e para aqueles que nos encontrarão.

O Dia de Início de Ano [Jornada de Outubro] vai ocorrer na tarde de sábado, 26 de setembro, por meio de videoconferência para todos. Ainda não será possível reunir-se em assembleia, como nos anos anteriores, em um ou mais pontos em cada região. Se as normas permitirem, vocês poderão assisti-la juntos, mas apenas em pequenos grupos. No início de setembro informaremos sobre os procedimentos operacionais para a conexão.

Propomos a você dois livros para o verão:

O primeiro é: *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, de Luigi Giussani (quarto volume da série Bur Rizzoli, que reúne os textos dos Exercícios da Fraternidade de 1991 a 1993). Neste volume Dom Giussani ajuda-nos a compreender o alcance do cristianismo para a vida humana, mesmo numa época como a nossa, dominada pelo niilismo. Dom Giussani já havia captado profeticamente muitos traços específicos dele, e neste contexto nos mostra o acontecimento de Cristo que se propõe como novidade, que alcança os homens do nosso tempo por meio de um encontro humano que ilumina e muda radicalmente a vida, transformando-a numa experiência de positividade irreduzível e, em última instância, de alegria.

O segundo livro é um romance: *O manto de Cristo*, do escritor americano Lloyd C. Douglas (Editora Itatiaia). O romance narra a história do tribuno romano que está cumprindo a sentença de morte de Jesus ao ganhar sua túnica nos dados. Este fato será uma provocação para ele. Iniciará uma longa viagem em busca dos lugares e dos amigos frequentados por Jesus. A sua história se entrelaça com a história dos primeiros cristãos, com os quais ele começará uma amizade. A fé em Jesus, uma hipótese sempre rejeitada anteriormente, torna-se razoável na convivência com os Seus amigos, num caminho humano em que todas as histórias que ele ouve e o que vê são submetidos ao crivo de sua razão, razão que floresce no relacionamento com aqueles homens. Este texto nos lembra como Dom Giussani descreve a experiência que vivemos no livro *L'uomo e il suo destino*: “A comunidade da Igreja [...] é a veste daquela Presença, como a veste de Jesus para as crianças pequenas que ficavam perto d’Ele. [...] Da mesma forma, Jesus se faz sensível e perceptível a nós na comunidade eclesial como se ela fosse o vestido através do qual nossa pequenez se relaciona com sua presença real” (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Gênova, Marietti, 1999, pp. 38-39).

O Meeting de Rimini vai acontecer de 18 a 23 de agosto com eventos transmitidos em canais digitais. Todos podem contribuir para a construção e realização do Meeting em uma nova forma, colaborando com os vários departamentos ou na comunicação pelas mídias sociais. Para esta colaboração é possível inscrever-se no site do Meeting até o dia 30 de junho.

Veni Sancte Spiritus